

OS ANGOLEIROS DA FAVELA: UM OLHAR SOBRE LAZER, JUVENTUDE E VIOLÊNCIA¹

Recebido em: 03/04/2015

Aceito em: 01/02/2016

*Roberto Camargos Malcher Kanitz*²

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: Este artigo tenta construir um diálogo entre os estudos do Lazer, as atividades desenvolvidas por um grupo de jovens praticantes de Capoeira Angola de uma grande favela da zona leste de Belo Horizonte, as questões da vulnerabilidade social e violência. A metodologia utilizada para a melhor compreensão deste entrelaçamento foi a pesquisa participante, realizada durante todo o ano de 2010. Procurei identificar alguns fatores protetivos que a Capoeira Angola impingiu aos jovens da favela. Enfim, estabelecer algumas sínteses necessárias para contribuir na compreensão da constante tensão entre empiria e práxis.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Adolescente. Violência.

ANGOLEIROS OF SLUM: PERCEPTIONS ABOUT LEISURE , YOUTH AND VIOLENCE

ABSTRACT: This article attempts to build a dialogue between Leisure studies, the activities carried out by a group of young practitioners of Capoeira Angola of a large slum area east of Belo Horizonte, the issues of social vulnerability and violence. The methodology used for better understanding of this entanglement was the participant survey, conducted throughout the year 2010. I tried to identify some protective factors that Capoeira Angola foisted the favela youth. Finally, establish some necessary synthesis to contribute to the understanding of the constant tension between empiricism and praxis.

KEYWORDS: Leisure Activities. Adolescent. Violence.

¹ Este artigo foi escrito baseado nos resultados da pesquisa realizada durante o processo de construção da minha dissertação de mestrado, intitulada: “Capoeira Angola na Favela: Juventudes, Sentidos e Redes Sociais”, sob orientação do Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques.

² Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. Doutorando do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos do lazer da UFMG.

Introdução

Na própria precisão com que outras passagens lembradas se oferecem, de entre impressões confusas, talvez se agite a maligna astúcia da porção escura de nós mesmos, que tenta incompreensivelmente enganar-nos, ou, pelo menos, retardar que perscrutemos qualquer verdade.

Guimarães Rosa

Neste artigo tentarei estabelecer um diálogo com o campo interdisciplinar do Lazer no entrelaçamento com as atividades desenvolvidas por um grupo de jovens praticantes de Capoeira Angola de uma grande favela³ de Belo Horizonte. Não revelarei os nomes do local e do grupo, por questões éticas.

Os conhecimentos construídos referentes a esta temática estão vinculados aos estudos do lazer e as produções das teorias histórico-culturais. Neste aspecto, acredito que esta artigo possa contribuir para melhor compreensão da nossa juventude, no que tange às violências verificadas nos bairros periféricos das grandes cidades brasileiras.

A metodologia utilizada foi a pesquisa participante, realizada junto com a juventude⁴ pertencente a um grupo de Capoeira Angola, em um bairro localizado na periferia de Belo Horizonte, e teve como objetivo a compreensão e estudo da produção de sentidos e significados desenvolvida por estes sujeitos, no intuito perceber até que ponto este tipo de prática cultural contribuiria para gerar fatores protetivos diante da vulnerabilidade social enfrentada.

³ A Favela localiza-se na Região Leste de Belo Horizonte, e possui uma vida cultural muito rica e diversificada. No final da década de 80, a comunidade já contava com sete associações, e diversos projetos e grupos de esporte e lazer. Também há uma escola municipal, que atende crianças a partir de 6 anos de idade. Todavia, segundo levantamento da Polícia Civil de Minas Gerais, do ano de 2015, a favela é a mais violenta da capital mineira.

⁴ Me aproximo do entendimento que a juventude só poderia ser entendida na sua articulação com os processos de sociabilidade e na sua inserção no conjunto das relações sociais produzidas ao longo da história, marcadas em um tempo e em um espaço específico.

Dessa forma, houve uma aproximação com o pensamento complexo, com o objetivo de captar aspectos da tessitura das tramas observadas no cenário pesquisado.

Sobre isso, O filósofo Edgar Morin (2001, p. 07) nos explica:

O pensamento complexo também é animado por uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor, e o reconhecimento do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento.

Sendo assim, pesquisar um grupo de Capoeira Angola em uma zona periférica da capital mineira formada por crianças e jovens possibilitou-me dialogar com o seus mistérios e com suas crenças. Compreender seus sentidos e significados pode ser uma oportunidade de adentrar por labirintos na busca daquilo que, ao mesmo tempo, se manifesta e se oculta, afirma e nega, enuncia e silencia.

Destarte, penso que nada aqui é definitivo, pois a dinâmica social apresenta-se intensa e necessita de olhares permanentes para desvendarmos seus silêncios, suas sensibilidades, seus detalhes imprescindíveis. Espero que a leitura deste trabalho possa instigar um diálogo entre pesquisadores da temática.

A Chamada⁵: A Construção dos Sentidos e dos Significados

Podemos entender que fazer ciência significou, ao longo de décadas, realizar a quantificação dos dados da realidade, garantir a universalidade e a objetividade do conhecimento. Na azáfama da universalidade do saber científico, pode-se excluir o sujeito do conhecimento, sua subjetividade e suas dimensões histórico-sociais (TEVES, 2002). Morin (1996, p. 46) também nos apresenta uma observação semelhante:

Na ciência clássica, a subjetividade aparece como contingência, fonte de erros (o “noise” da linguagem da informática, o ruído que é

⁵ A chamada na Capoeira Angola pode ser, entre outras coisas, o toque repetido e sistemático do berimbau para início de uma roda.

absolutamente necessário eliminar). Por isso, a ciência clássica exclui sempre o observador de sua observação, e o pensador, o que constrói conceitos, de sua concepção, como se fosse praticamente inexistente ou se encontrasse na sede da verdade suprema e absoluta.

Nessa direção, a ciência clássica, de matriz positivista, não levou em consideração que, tanto o processo de percepção, quanto o do pensamento, podem possuir seus próprios modos de produção, que não podem ser encaixotados ou deformados nos parâmetros duros das pretensões de verdade e universalidade. Não considerar os sujeitos, pode significar uma negação das conquistas importantes das ciências humanas, pois os objetos da percepção e do pensamento não se apresentam da mesma forma, e também não se deveria pensar na correspondência entre a realidade e sua representação, mesmo porque, podemos sugerir que tudo que existe de certa forma é representável. Segundo Zemelman (2006, p. 458):

O resgate do sujeito é concebido como um desafio epistêmico-metodológico que não se limita à mera argumentação sobre a riqueza deste, mas supõe formas de raciocínio capazes de abranger o sujeito com a totalidade de suas faculdades. Estamos a lidar com uma posição racional, que procura desenvolver suas próprias determinações, a fim de potencializar a sua disposição para se situar no momento histórico, antes de proceder à sua decomposição em objetos; o que dizemos tem como consequência, entre outras, que o sujeito não esgote a sua relação com o que é externo nos conteúdos de uma explicação.

Por sua vez, o conceito de sentido pode se apresentar nas relações dos sujeitos com os signos, que circulam nos contextos sociais específicos, como nos aponta Vygotsky (1991). Os sistemas de signos, sendo estes: a linguagem, a escrita, o sistema de números; foram criados, segundo o autor, pelas sociedades no decorrer do curso da história humana e mudam a forma social e o nível do seu desenvolvimento cultural, de acordo com as especificidades de cada ser sujeito.

Assim, podemos entender que a psicologia, hoje chamada histórico-cultural, produzirá conhecimentos com outros pressupostos, rompendo com a pretensa neutralidade do paradigma positivista e a enganosa objetividade do cientista tradicional, alinhando a sua produção à materialidade do mundo e oportunizando uma construção científica crítica.

Nessa direção, Clifford Geertz (2001), concordando com Max Weber, assinala que o ser humano apresenta-se como um ser amarrado nas teias de sentidos e significados que perpassam os sujeitos. Para este autor, o significado está mais próximo do aspecto coletivo, e sentido aproxima-se mais do sujeito, do plano individual. Ele afirma ainda que o sujeito é produto e produtor de cultura, numa relação dialógica entre sujeito-produtor-sentido e coletivo-produto-significado.

Contudo, Vygotsky faz uma distinção entre sentido e significado. Para ele, o significado apresenta-se como uma construção social, de origem convencional. Por outro lado, o sentido constitui-se como a soma dos eventos psicológicos em que a palavra evoca na consciência. O sentido se constitui, portanto, a partir do confronto entre as significações sociais vigentes e a vivência pessoal (AGUIAR, 2001).

Na mesma direção, o conceito de sentido representa um marco importante na obra de Vygotsky e para a construção de uma psicologia histórico-cultural apoiada nos subsídios do materialismo histórico e dialético de Marx e Engels. Segundo REY (2009, p. 123), no que tange a estas questões:

A subjetividade foi totalmente afastada do vocabulário das ciências sociais a partir da filosofia moderna do sujeito e do existencialismo associado a qualidades intrínsecas da natureza humana, consideradas como responsáveis pelos vários tipos de atividade humana. A reificação do subjetivo como natureza humana foi negada por várias perspectivas que foram se desenvolvendo durante o século XX.

Neste aspecto, Rey chama a atenção para o fato de se estar produzindo acerca de categorias que permeiam os seres humanos e, muitas vezes, esquecem esses mesmos humanos que teoricamente seriam nosso foco maior na construção de um conhecimento contextualizado. Desta forma, podemos observar o que diz FURTADO (2001 p. 89):

A constituição da subjetividade individual é um processo singular que surge na complexa unidade dialética entre o sujeito e meio atual, definido pelas suas ações e mediante as quais a história pessoal e a do meio confluem em uma nova unidade que, ao mesmo tempo, apresenta uma configuração subjetiva e uma configuração objetiva. A constituição subjetiva do real e sua construção por parte do sujeito são processos simultâneos que se inter-relacionam, mas que não são dirigidos pela intencionalidade do sujeito, que não é mais do que um simples momento neste complexo processo.

Sendo assim, os sentidos não estariam nem na dimensão mental e psicológica, nem na dimensão da natureza e do biológico. Eles se constituem nas dinâmicas sociais, por meio da articulação entre a história de construção do universo psicológico e a experiência presente do sujeito. Esse processo gera distintas formas de apropriação da realidade, por parte dos atores sociais e da coletividade a que pertencem. Sobral (2010, p. 24) nos explica melhor esta dimensão:

Ver-se no espelho não dá ao sujeito a visão acabada do seu Ser que só o olhar do outro lhe confere. Assim, só nessa relação de *eus* entre si pode nascer o sentido, que é a função dela e ao mesmo tempo serve para moldá-la. [...] O sujeito é desse modo mediador entre as significações sociais possíveis (o sistema formal da língua, nível da significação, a *znachenie*, bakhtiniana) e os enunciados que profere em situação (o sistema de uso da língua, nível do tema em termos bakhtinianos, *smysl*) – distinção igualmente presente em Lev Vigotski.

Diante disto, podemos indicar que o conceito de sentido confere um aporte teórico interessante para o entendimento da experiência compartilhada com os jovens Angoleiros da favela, já que a construção das metodologias, utilizadas nesta pesquisa, foram entendidas como estratégias e não como receita pronta e acabada (MORIN, 2001). Nessa direção, optei em tentar situá-los no centro da discussão sobre os processos de significação que vivenciavam na realidade da trama de suas vidas.

***Angola dobrada*⁶: Lazer e Identidades**

No Brasil, durante muito tempo, as temáticas relacionadas ao universo da Capoeira foram colocadas em segundo plano nas discussões acadêmicas, já que a arte era considerada um objeto de pequena relevância por parte dos pesquisadores. Nesse sentido, foi apenas a partir da década de 60 que o quadro começa a se modificar, sendo que outras áreas do saber esboçam iniciativas no intuito de buscar melhor compreensão e problematização do campo e do eixo Lazer e práticas corporais (MELO, 2003).

Nessa direção, a produção científica, dos quais podemos destacar Marcellino, Melo e Gomes, entre outros, estão debruçados em romper com uma lógica de sociedade centrada no mundo do trabalho e olhar para outros espaços onde o humano se faz presente. Vejamos o que nos aponta GOMES (2008, p. 03):

Situo-me, dessa forma, entre os pesquisadores que compreendem o lazer como um fenômeno cultural e afirmo, sem receio, que mesmo com as diferenças conceituais entre os autores da área verifico uma tendência, na atualidade brasileira, em *compreender o lazer como uma dimensão da cultura*.

Ainda, segundo MELO (2003, p. 21):

Em comum entre essas diferentes reflexões, deve-se ressaltar a compreensão da característica interdisciplinar da temática, bem como sua consideração como fenômeno a ser entendido como componente da cultura. Além disso, deve-se destacar a tendência de tratar o assunto de forma diacrônica, denunciando-se o caráter instrumental e funcionalista que permeou algumas das reflexões anteriormente realizadas.

No que se refere à construção histórica do conceito de cultura⁷, há necessidade de uma reflexão conceitual que possibilitasse aos pesquisadores operar na sua interação com o campo dos cenários humanos. Entretanto, o conceito de lazer não deveria se

⁶ Tipo de toque de roda de Capoeira Angola de caráter viril e mais rápido que o tradicional São Bento Grande. Muito usado pelo falecido Mestre Traíra.

⁷ Para entender melhor o assunto, consultar Laraia (2004).

reduzir ao tempo do não-trabalho. Nesse sentido, se estabelece a necessidade da delimitação desse conceito, como nos explica GOMES (2008, p. 05):

Nessa direção, o lazer representa um fenômeno sociocultural que se manifesta em diferentes contextos (histórico, social, político, etc) de acordo com os sentidos/significados que são produzidos e reproduzidos por meio de relações dialéticas dos sujeitos nas suas relações com o mundo. Enquanto uma dimensão da cultura, o lazer é dinâmico e, se por um lado é marcado pela diversidade, por outro constitui/é constituído pelas identidades distintivas de cada grupo social, colocando em realce os hibridismos que permeiam a relação global/local.

Podemos entender que as práticas culturais no campo do Lazer, como a Capoeira Angola, compõem aspectos dinâmicos da vida social e também estão submetidas às influências da modernidade. Seus sujeitos obrigatoriamente estabelecem diálogos com as pessoas com as quais compartilham seu cotidiano.

Assim sendo, arriscamos afirmar que há centenas de crianças, jovens e adultos em toda Belo Horizonte (e porque não dizer em todo país) que aprendem e jogam a Capoeira Angola nos seus momentos de lazer, nos inúmeros projetos sociais existentes, em distintas comunidades, de várias formas e com os mais diversos objetivos. Este fenômeno torna-se cada vez mais comum com o intenso aparecimento de propostas fomentadas por organizações não governamentais - ONG's, ações de políticas públicas aleatórias e iniciativas voluntárias de sujeitos comuns. Concordando com MELO (2003, p. 33), quando este se refere a Thompson:

É somente pela experiência que o indivíduo desenvolve e incorpora valores. E tais valores não podem ser compreendidos apenas como uma imposição, mas como criação e luta, resistência e subjetivação. Nos costumes, no cotidiano, encontrariam-se férteis exemplos de resistência e luta; não somente nos fóruns institucionais.

Nessa direção, podemos entender que os sentidos e significados, as identidades e suas relações com o lazer, às violências e o estar na cidade se constitui de maneira

dinâmica. Essas dimensões se modificam, ganham outros contornos, outros desenhos de acordo com as suas interações sociais, com suas teias de relacionamentos. Principalmente dos jovens aqui estudados, por suas características intrínsecas, reconstróem rápida e continuamente suas identidades através da inter-relação que estabelecem com o grupo social, e nas distintas realidades que compartilham. Isso significa que, novos sentidos podem ser (re)construídos e um novo modo de interpretação do mundo que se vive, dependendo da forma como se dialoga com a dinâmica social que interagem (PINHEIRO, 2008).

Portanto, há a possibilidade de pensar identidades em posições fluídas e multidimensionais, e não mais como formas prontas. Percebemos também que a repressão e a desigualdade atuam sim, mas não são determinantes. Podem ser substituídas pelo próprio movimento destas identidades.

Entendido como sistema simbólico, o universo da Capoeiragem pode refletir práticas da dinâmica cultural em que se constroem processos de entendimento, de elaboração de crenças e de ritualizações. Produções de sentidos e significados que se consolidam na sociedade e nos grupos, permitindo a regulação de comportamentos, de identidade, de distribuição de papéis sociais.

Desta maneira, podemos dizer que a Capoeira Angola e seus sujeitos apresentam-se como um denso campo simbólico composto de narrativas míticas e ideológicas, importante para as análises desta pesquisa. Acessá-lo e compreendê-lo de forma significativa denota adentrar pelas vias sinuosas da linguagem corporal em que metáforas, metonímias, alegorias, símbolos, signos são indissociáveis na sua instituição. Le Breton (2006, p. 30) nos explica um pouco mais este aspecto:

A designação do corpo, quando é possível, traduz de imediato um fato do imaginário social. De uma sociedade para outra, a caracterização da relação do homem com o corpo e a definição dos constituintes da carne do indivíduo são dados culturais cuja variabilidade é infinita. Um objeto efêmero e inacessível é esboçado, mas perde a evidência primeira que poderia ter aos olhos do observador ocidental. A “identificação” do corpo como fragmento, de certa forma autônoma do homem, pressupõe uma distinção estranha para numerosas sociedades.

Nesse sentido, a Capoeira Angola não se apresenta como um reflexo da realidade da favela, e sim como parte de um complexo mais amplo. Essa rede de sentidos pode ser considerada como a base, sob diversos aspectos, da postura coletiva na medida em que valores, normas e interdições, como códigos coletivos, são internalizados, apropriados pelos sujeitos.

Foi na dinâmica da produção de sentidos e significados, na construção de subjetividades e de identidades, que a Capoeira Angola na favela me ofereceu a oportunidade de pensar sobre uma das possibilidades de elos fundamentais para a construção de redes protetivas aos jovens em situação de vulnerabilidade social. Penso que essa, e outras práticas ajudam no enfrentamento à violência a partir de fatores protetivos gerados. Wacquant (2008a, p. 13) nos ajuda a entender melhor este aspecto:

Ao mesmo tempo, em sua forma integral, o gueto é uma constelação de dois lados, na medida em que cumpre missões contrárias para as duas coletividades que une: serve como meio eficiente de subordinação ao lucro material e simbólico do grupo dominante; mas também oferece ao grupo subordinado o escudo protetor, baseado na construção de alternativas organizacionais e na autonomia cultural.

Como expressão destas alternativas organizacionais e autonomias culturais, movimentos significativos têm sua origem neste contexto. Em torno de uma temática específica, atores sociais se unem para se divertirem, se expressarem e afirmarem sua

identidade social, muitas vezes étnicas e/ou religiosas. Nesse sentido, Melo (2003. pg. 55) também nos ajuda a pensar esta questão:

Longe de estarem desorganizadas, as camadas populares têm uma organização própria, que lhes permitem inclusive entabular estratégias de resistência, embora muitas vezes estas não estejam vinculadas à política em seu sentido “clássico”.

Desde o início da construção do projeto de pesquisa, passando pela pesquisa participante, no momento da escrita da dissertação, e agora na construção deste artigo, continuo a me questionar: Por que jovens da favela fazem as mais diversas escolhas de inclusão social? Encontrei em Zaluar (2007. pg.49) a mesma pergunta:

Porque alguns se juntam as quadrilhas, e outro procuram as galeras; e outros ainda vão para os times de futebol, para as rodas de samba, etc? O que as experiências injustas com as instituições encarregadas de representar a lei representa neste contexto?

Dessa forma, não podemos perder de vista também que são diversas as dinâmicas culturais e suas características peculiares, como são diferentes suas formas de expressão de sentidos e significados diferentes, motivações diferentes, mas com importantes traços comuns. Segundo Castells *op cit* Ferreira (2004. pg. 325):

As drásticas e aceleradas mudanças nas sociedades contemporâneas geram movimentos sociais majoritariamente fragmentados, local, com objetivos específicos e efêmeros. Neste contexto as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias (religiosas, étnicas, territoriais, nacionais) como forma de lidar com a diluição de fronteiras e a fragilização das tradições e dos laços interpessoais.

Nesse sentido, acredito que nenhum tecido social pode ser percebido exclusivamente pelo distanciamento, por sua natureza profundamente complexa. Devemos nos aproximar, tocar, sentir o cheiro, reparar em todos os detalhes. Apenas nos aproximando, dividindo nossas experiências com outros pesquisadores, formularemos algumas respostas para subsidiarmos, entre outras coisas, ações e

políticas públicas significativas para estas populações. Desse modo, estabelece-se uma perspectiva dialógica entre a aproximação e o distanciamento. De acordo com UDE (2008, p. 44), há que se adotar diálogos por meio dos intersaberes:

[...] os demais saberes presentes na teia comunitária devem ser considerados por meio de uma metodologia que possibilita diálogos assentados na prática do intersaberes, ou seja, estabelecidos entre os saberes: científico, popular, prático, comunitário, religioso, etc.

Para entender os sentidos que os jovens daquela favela dão para a prática da Capoeira Angola em suas vidas, sua possível contribuição no fortalecimento dos seus laços sociais e na consequente proteção às violências que enfrentam cotidianamente; apresentou-se necessário uma metodologia que favoreça uma leitura consequente destas sensibilidades. Assim sendo, para a coleta de dados e confecção do diário de campo, realizei visitas a favela em todo o ano de 2010.

Para melhor compreensão do desenho metodológico adotado, podemos entender a pesquisa participante como uma modalidade de pesquisa comumente utilizadas no âmbito de ciências sociais. Como princípio, aceita formas de pesquisas em que o autor esteja comprometido com propostas transformadoras na realidade. Não há problema que os pesquisadores se empenhem assumidamente na realização de pesquisas que visem não apenas conhecer a realidade vivenciada por essas pessoas, mas também modificá-la (NOVAES & GIL, 2009).

A partir desta forma de realizar uma pesquisa, percebi na favela, no grupo de Capoeira Angola que há uma identificação e uma intensa construção de sentidos e significados específica, pertencente a um *ethos* de ser Angoleiro ou Angoleira, diferente inclusive de praticantes de outras práticas corporais e artísticas da mesma favela. Ainda a respeito desta metodologia de pesquisa, Pedro Demo (2008, p. 21) no alerta:

Mais que em outras esferas, existe aqui *identidade entre sujeito e objeto*, no sentido mais direto de que a comunidade estuda a si mesma e a sua realidade, para nela influir decisivamente. O pesquisador pode – talvez mesmo deva – manter certa distância estratégica metodológica, mas, fazendo parte do projeto comunitário, não teria como separar de maneira estanque sujeito e objeto. Por isso, não só a observação fria, mas sobretudo a observação participante, tipicamente convivente, é parte do projeto de pesquisa.

O campo da psicologia social, preocupado em entender o homem na sua dimensão de sujeito social, inserido num contexto histórico e cultural, adotou o termo identidade como uma categoria política que diferencia o sujeito e lhe fornece, ao mesmo tempo, um sentido de pertencimento social. Neste ponto, FERREIRA & MATTOS (2004, pg. 48) assinalam que:

Sabe-se que a construção da identidade está vinculada à totalidade das relações sociais, recortada pelo conhecimento socialmente compartilhado e mediado por outrem. Assim, qualquer estudo sobre a identidade de uma pessoa deve ser precedido do conhecimento das representações sociais sobre a categoria na qual está inserida.

Sendo assim, a constituição da identidade pode ser entendida como um desdobramento da tensão permanente entre os sentidos e os significados produzidos pelos sujeitos, nos seus universos culturais. Por outro lado, outra dimensão da compreensão do conceito de identidade diz respeito à questão da forma que grupos, segmentos e famílias organizam seus repertórios simbólicos ou materiais para responder aos desafios vindos das modificações dinâmicas que ocorrem na sociedade (GUARESCHI *et al.*, 2007).

Além de não haver justificativa para uma investigação essencialista da gênese das identidades, seria interessante também pensar em identidades não como processos constitutivos acabados, ou ainda, formalizados e imóveis, como nos salienta MORIN (1996, p. 50):

Temos, inclusive, a ilusão de possuir uma identidade estável sem dar-nos conta de que somos muito diferentes segundo humores e paixões, segundo amemos ou odiemos, e segundo o fato de que todos temos uma dupla, uma tripla, uma múltipla personalidade. O eu realiza a unidade.

E ainda, de acordo com PINHEIRO (2008, p. 83)

Nossa participação nas práticas de diferentes comunidades leva à construção de identidades em relação a essas comunidades. Sob esse prisma, participar, por exemplo, de um grupo virtual, de uma equipe de trabalho ou de uma discussão em sala de aula constitui-se ao mesmo tempo em ações e formas de pertencimento. Tais participações influenciam não apenas o que fazemos, mas quem somos e a forma como interpretamos aquilo que fazemos.

Quando Morin diz que é o “eu” que realiza a unidade, podemos entender que a subjetividade apresenta-se como a unidade reguladora das múltiplas identidades que assumimos, nos diferentes espaços e tempos sociais. Mas não devemos pensar que isso é a legitimidade do que, no senso comum, atribui-se a uma pessoa falsa ou de caráter duvidoso. As identidades são marcas individuais, construídas a partir das conjunturas sociais. São diálogos entre o múltiplo e o uno. Foi interessante observar este aspecto, quando eu percebia que os jovens tinham determinadas posturas com relação ao Mestre no processo ritual da roda de Capoeira, diferente de quando eles estavam conversando informalmente, muitas vezes logo após a roda. O tom da fala, o gestual, até mesmo o olhar, eram diferentes.

Diante disso, no movimento de procurar compreender a forma de como esses jovens participam dessas comunidades enquanto experiências de aprendizagem e de lazer, logo, de constituição de identidades, pude me deparar com um universo simbólico diferente. Idealizar uma juventude somente a partir de uma faixa etária, do dado biológico-temporal apenas, seria incorrer em uma percepção simplificada dessa rica temática. Nesse processo percebi que as múltiplas identidades constituem a

subjetividade de cada um. Sendo assim, ser jovem não se apresentou como algo natural e instintivo.

***Canarinho da Alemanha, que matou meu curió*⁸: Favela e violência**

Podemos entender que uma das marcantes características de ser jovem em nossa sociedade é a possibilidade de se reunir em grupos, com interesses diversos, observada com muita frequência principalmente na segunda metade do século XX.

Sendo assim, o motivador primeiro do surgimento desse fenômeno, entre jovens empobrecidos economicamente e moradores de favelas das grandes cidades, não seria a pobreza, e sim a inclusão desses sujeitos de forma precária ou indevida. A violência gerada por esses jovens não possuíam objetivo, nem antagonista claro, como observa Alba Zaluar (1997, p. 87):

[...] transformar a tendência para a delinquência num movimento contestatório é uma questão prática e política, não resolvida pela teoria sociológica. Destacamos alguns pontos levantados: crime profissionalizado ou organizado e o capitalismo selvagem; indubitável questão social; períodos em que não era a luta de classes ou a dos pobres contra os ricos, mas sim uma exacerbação dos sentimentos nacionais e das identidades étnicas; pobreza e exclusão; mitos de distinção social.

E ainda, como nos aponta Wacquant (2008, p. 15):

Diante do recrudescimento da pobreza urbana e da ampliação da desigualdade, o pensamento crítico deve propor incansavelmente a questão dos custos e dos benefícios sociais totais gerados ao longo prazo pelas políticas de desregulamentação econômica e de desmantelamento do Estado de bem-estar social que são hoje apresentadas por toda a parte como a estrada real para a prosperidade e a felicidade sob a égide do “governo mínimo” e da ‘responsabilidade individual’.

⁸ Cantiga de Capoeira – domínio popular.

Neste sentido, podemos observar que, para além dos discursos midiáticos que empobrecem de forma reducionista a complexa questão da violência entre jovens, existem vozes querendo clamar por um espaço nessa sociedade injusta e excludente. Todavia, não são apenas as questões sociais que fazem parte da tessitura deste problema, como nos explica Krischke (2008, p. 324)

[...] dados oficiais do governo e do fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) apontam o Brasil como um dos países onde há mais assassinatos de jovens em relação ao número de habitantes, sendo as vítimas principalmente homens de baixa renda, com idade em torno de 20 anos. Sem querer endossar a ênfase sensacionalista posta usualmente nesses fatos pela imprensa, é fácil presumir que essa criminalidade relaciona-se com a carência de oportunidades de integração socioeconômica e político-cultural para a juventude.

Dessa forma, sendo a violência um fenômeno complexo e, portanto, multidimensional, não pode ser considerada restrita as classes empobrecidas economicamente, pois é um fenômeno social amplo, e tornou-se característica indelével dos desdobramentos das políticas neoliberais do final do séc. XX em todo mundo, como nos aponta Mancebo (2003, p. 77):

O neoliberalismo representa uma alternativa política, econômica, social, jurídica e cultural para a crise econômica do mundo capitalista, iniciada a partir do esgotamento do regime de acumulação fordista. Representa uma necessidade global de restabelecimento da hegemonia burguesa, trazendo implicações não só para a vida econômica, mas também para as diversas relações que se estabelecem entre os homens.

E ainda há um dado surpreendente para quem estuda o crescente aumento da violência nos estados e cidades brasileiras: é que seu progresso acompanha os mesmos padrões verificados em países de primeiro mundo com um atraso relativo de uma década. (ZALUAR, 1997)

Sendo assim, este fenômeno social apresenta-se como uma marca, uma característica da nossa modernidade, e possui diversas e múltiplas razões de existência e

asseveramento. Este trecho do texto de Sérgio Martins (2008. pg. 03) nos ajuda a pensar melhor este assunto:

No “mundo do asfalto” há quem imagine que a violência, se não está de todo distante e ausente, não o integra estruturalmente, por isso nele irrompe circunstancialmente, quando o “mundo do morro”, essa representação fantasmática, o invade.

Sendo assim, mesmo entendendo e concordando com o autor, esta pesquisa se propôs a olhar para as violências que fazem parte do cotidiano das classes empobrecidas economicamente, em especial na juventude praticante de Capoeira Angola. Não pretendo com isso estigmatizar ou reforçar o preconceito a estes sujeitos, já tão difundido em nossa sociedade. Porém, de acordo com Carreteiro & Ude (2007, p. 65):

Existe uma relação intrínseca entre desemprego, concentração de riqueza e aumento da violência. [...] As pesquisas apontam que as principais vítimas de homicídios são, na sua maioria, jovens na faixa de 15 a 24 anos. De acordo com as análises realizadas por pesquisadores sobre o quadro nacional, verifica-se que parcela significativa da população juvenil encontra-se, nas últimas décadas, em situação de extrema vulnerabilidade social diante da falta de emprego, de perspectivas de futuro e de tempo para o lazer.

Dessa maneira, a favela de que trata este artigo, possui uma característica territorial que confere a este espaço determinada especificidade. Arrisco dizer que ela está estigmatizada como naturalmente criminosa, sofre restrições aos bens culturais da nossa sociedade - incluindo aqui também a educação; está confinada socialmente a seu espaço devido, onde as opções de lazer são restritas e precárias; e ainda, encontra-se enclausurado organizacionalmente. Concordando com Martins (2008. pg. 04):

Essas gentes esquecidas pelo Estado, os hoje excluídos, outrora marginalizados, guetados em inúmeros lugares sombreados, encontram-se vulneráveis à presença e atuação do chamado crime organizado que, como se diz, acaba por ocupar o espaço vazio deixado pelo Estado, senão de todo ausente (haja vista a presença ostensiva,

mas episódica, da força policial repressora), ao menos omissa quanto à realização dos direitos de cidadania.

Dentro deste contexto, para entendermos o fenômeno da violência que inclui nossos jovens das camadas empobrecidas economicamente de uma forma marginal, precisamos compreender que juventude é esta que estamos falando, pois segundo Morim (1996), as ciências sociais e humanas, apresentam contrassensos ao se ocuparem mais com o objeto do que com o sujeito em si.

Nessa direção, podemos compreender que um dos problemas para entendimento das juventudes são os preconceitos e as visões estereotipadas que a sociedade e, muitas vezes o mundo acadêmico constrói a seu respeito. Nesse ponto, Dayrel (2003, p. 41), destaca:

Uma outra imagem presente é uma visão romântica da juventude [...] Nessa visão a juventude seria um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos. A essa idéia se alia a noção de moratória, como um tempo para o ensaio e erro, para experimentações, um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil.

Além disso, entendo que não há como falar de juventude sem abordar as questões da corporeidade, já que junto das transformações fisiológicas que esse período da vida possui, encontram-se diversas dimensões de ordem psicológica, familiar e social que se complementam e se contradizem simultaneamente – próprio de todo processo que está em franca modificação.

Podemos entender que o ser humano se constitui como ser biológico, psicológico, emocional e sociocultural, entre as diversas dimensões estabelecidas, que se desenvolvem a partir das relações que estabelece com os vários outros, no meio

social em que vive, configurando-se como um ser ‘bioantropopsicossocial’ (MORIN, 2007).

Acredito que a produção de sentidos passa necessariamente pelo corpo, aqui entendido não apenas como dimensão biológica, mas um complexo de órgãos e sensibilidades que participam das teias da dinâmica cultural. Um corpo que se expressa e aprende com e no ambiente em que vive e realiza suas tarefas cotidianas. Nesse aspecto, Toledo (2007, p. 258), observa:

[...] o corpo não pode ser visto tão-somente como mais um aspecto a ser incluído na agenda de temas, mas sim um via metodológica para alcançar acesso novo ao objeto, pois é potencialmente conteúdo e forma, objeto e método da observação, uma primeira síntese (ou totalidade) que se apresenta ao pesquisador, na imediatez do encontro do fenômeno estudado.

E ainda, Soares (2005, p. 17), também nos explica:

O corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõem os limites sociais e psicológicos que foram dados à sua conduta, ele é o emblema onde a cultura vem inscrever seus signos, como também seus brasões.

Então, a produção de sentidos e significados de um grupo de jovens angoleiros e angoleiras⁹ floresce através e com o corpo - não somente porque esta atividade é predominantemente física - sua vivência por meio dessa prática cultural gera dimensões simbólicas importantes. Nesta perspectiva, Le Breton (2006, p. 77) nos alerta:

O corpo também é, preso no espelho do social, objeto concreto de investimento coletivo, suporte de ações e de significações, motivo de reunião e de distinção pelas práticas e discursos que suscita. Neste contexto o corpo é só um analisador privilegiado para evidenciar os traços sociais cuja elucidação é prioridade aos olhos do sociólogo, por exemplo, quando se trata de compreender os fenômenos sociais contemporâneos.

⁹ Nome dado ao praticante de Capoeira Angola.

Desta forma, indicamos que a produção de sentidos acontece corporalmente de forma dialógica com a dinâmica cultural. Sendo assim, a prática da Capoeira Angola deve ser considerada como chave nesta questão, pois pode oferecer aqui uma significativa alternativa para a compreensão de alguns dos processos que regulam a vida em sociedade e em grupo. Para tanto, faz-se necessária exploração do invisível que existe na sua teia social, aquilo que tem força pulsante, mas que se encontra em outras instâncias do saber diferentes do formal. Para entendermos melhor o que estou dizendo, busco em Bakhtin (1981) *op cit* Pinheiro (2008, p. 96) um apoio oportuno:

O conceito de dialogismo, cujo sentido pode ser interpretado como o elemento que instaura a natureza interdiscursiva da linguagem na medida em que diz respeito ao diálogo, nem sempre harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade, assim como elemento representativo das relações discursivas que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, processos discursivos pelos quais os sujeitos também são instaurados em 'contextos que não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interpretação e de conflito tenso e ininterrupto'.

Para se compreender os processos sociais nos quais os jovens das favelas participam, apresenta-se como basilar buscar entender como esses atores sociais expressam seus comportamentos, gostos, opção de vida, esperanças e desesperanças (MINAYO, 1999). Na experiência compartilhada com os jovens Angoleiros e Angoleiras percebi uma maturidade assustadora. A impressão que tive, ao longo dos meses de convivência, foi de posicionamentos muito firmes e pragmáticos diante da vida e dos problemas cotidianos. Em certa medida até uma banalização de fatos que considero gravíssimos, como a prisão de algum amigo, ou a morte de pessoas muito próximas, sendo estes algumas vezes familiares. Porém, no jogo, na Brincadeira de Angola, a identidade de jovem responsável, trabalhador era subvertida e o elemento

lúdico fazia-se presente de forma quase mágica, desenhando sorrisos e diferentes expressões que pareciam surgir apenas durante a roda.

Este ponto pode ter representado uma perspectiva fundamental para o entendimento de qual conceito de juventude me aproximei neste artigo. Meu olhar tentou não operar numa expectativa de vir a ser, pois tal direcionamento apenas rouba desses sujeitos a possibilidade de exercer sua cidadania e o pleno gozo de seus direitos. Todavia, ser jovem na favela conta com algumas características próprias desta complexa fase da vida. Nesse sentido, concordo com Brandão (2004, p. 204):

O sentimento de não pertencer aos padrões materiais e subjetivos dominantes e de não alcançar os níveis de sociabilidade típicos da metrópole, bem como o sofrimento que tal constatação produz [...] a discriminação sofrida por “morar mal”, ou por morar em um bairro que é uma “favela”, ou por morar “na roça”, ou pelas roupas que usa, ou pelos lugares que não frequenta, ou pelo jeito que fala.

Nessa direção, o jovem apresenta-se como um ser humano em diálogo com um mundo que possui uma historicidade e significados consolidados. Ao mesmo tempo, todo jovem possui uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. E finalmente, ele representa um ser singular, que tem uma história, interpreta o mundo, dá-lhe sentido, bem como a posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e a sua singularidade. Essa dimensão apresenta-se evidente no decorrer do estudo, pois a maioria deles tinha uma família de referência e nenhum dos jovens observados sofria abandono familiar. Portanto, nos explica Dayrell (2003, p. 45):

Nessa perspectiva o ser humano não é um dado, mas uma construção. A condição humana é vista como um processo, um constante tornar-se por si mesmo, no qual se constitui como sujeito à medida que se constitui como humano, como desenvolvimento das potencialidades que o caracterizam como espécie.

Todavia, muitos jovens das camadas periféricas e economicamente empobrecidos das metrópoles do nosso país se veem em permanente condição de vulnerabilidade social. Não raro acontecem rupturas no tecido social, esgarçamento nas redes sociais protetivas, que podem contribuir para que se envolvam em atividades ilícitas. Nessa conjuntura, o tráfico de drogas não se apresenta como a única armadilha forjada pela sociedade capitalista para aliciamento. Não raros foram os relatos de amigos ou parentes próximos dos jovens pesquisados, que caminharam para algum tipo de contravenção, encontrando o destino mais certo dessas ações – a morte prematura.

Podemos considerar que há várias formas de se constituir como sujeito, e uma delas se refere aos contextos de desumanização, nos quais ao ser humano torna-se negado ao direito de ser alguém, privado de desenvolver as suas potencialidades, de vivenciar plenamente a sua condição de ser humano, e que, mesmo com projetos culturais, por melhor que sejam sozinhos ou isolados, não conseguirão resolver este complexo problema.

Por outro lado, integrada a uma corporeidade formada pelos anos de prática cotidiana, inseridos no complexo ritual das rodas de Capoeira Angola, esses arcabouços simbólicos, esses saberes construídos podem deslocar a subjetividade desses jovens para outras possibilidades, e ajuda-los a realizar distintas negociações possíveis com a sociedade capitalista e neoliberal que, como já falamos, além de incluí-los precariamente, silencia-os e enclausura-os nos seus guetos, nas suas comunidades periféricas. Nessa perspectiva, Moreno (2003, p. 63) nos alerta:

O jogo de Capoeira é, ainda, a alegoria do jogo político das classes populares. Sem atacar diretamente o poder, mas invertendo a seta do vetor, como se, para enfrentar as forças visíveis do poder, precisasse tornar-se transparente, velar-se, rindo dele, para não se acabar nele. Para sobreviver, é preciso muita acrobacia, a qual permite sair do

golpe, como igualmente há a chance de espatifar-se. O que cai por terra, além do adversário, é o aparente poder dos poderosos.

Nesse sentido, podemos afirmar que, assim como no jogo, o praticante de Capoeira Angola vai ao longo do tempo aprendendo a jogar também com a vida, pois visto com ser complexo, integra essa marca cultural que participa da sua vida cotidiana, ou seja, não o abandona assim que se encerram as aulas ou as rodas. Por ser corporal, esses saberes continuam vivos e pulsantes e podem ultrapassar os limites do campo de mandinga e se configurarem nas subjetividades desses jovens. As posturas dos jovens do Grupo de Capoeira Angola traziam essas marcas quando, em conversas informais, eles relataram fatos de suas vidas cotidianas, sejam nas dimensões familiares, profissionais ou escolares, onde puderam usar da malícia, da negaça e da boa malandragem, apreendida nos anos de prática.

Nessa direção, Bakhtin nos apresenta uma sociologia do discurso, apontando para o fato de que o discurso verbal não deveria ser compreendido fora da dinâmica cultural que o produz. De acordo com o autor, não se trata de algo isolado, na medida em que é dimensão integrante da rede social, em um contínuo processo de interação com outras formas de comunicação. Sendo assim, representa enunciados construídos a partir da história, da cultura, da vida e do conhecimento partilhado com os sujeitos, e nos contextos sociais nos quais estão inseridos, como nos explica Pinheiro (2008, p. 83):

[...] as concepções postuladas por Bakhtin em relação à linguagem colocam a interação com o outro no mundo social como central no processo de constituição da consciência. O ser humano, portanto, constitui-se na e por meio da alteridade, e todas as atividades e papéis por ele desempenhados, nas mais diversas esferas do mundo social, encontram-se impregnados do discurso de outrem. Dessa forma, ao se tomar o diálogo entre os interactantes como um palco de batalhas ideológicas, visões de mundo e conhecimentos entram em constante

conflito visando engajar discursivamente os participantes em um processo de reflexão sobre a própria ação.

Nesse sentido, procurei entender os discursos dos jovens como o instrumento possível para a compreensão dos sujeitos nas mais diversas dimensões da dinâmica cultural constitutivas de suas subjetividades e nas relações com os outros, as quais participam das construções de suas identidades.

A Capoeira Angola, como dimensão do campo do lazer¹⁰, reflete uma das poucas escolhas desses jovens, que poderiam estar em outros ambientes, construindo outras identidades. O fato de pertencer a um grupo, de criar vínculos, estabelecer redes de relacionamentos, representa uma possibilidade de vencer os perigos cotidianos, como pude observar nessa pesquisa. Mas, sinto necessidade aqui de colocar minha posição a respeito do polissêmico conceito de lazer.

Nessa direção, a experiência com os jovens Angoleiros e Angoleiras forneceram pistas importantes para a compreensão desses fenômenos. Acredito que estes fragmentos possam subsidiar algumas respostas ou indicadores em futuros estudos sobre a temática aqui abordada. Sendo assim, pude perceber também que os aspectos simbólicos da tradição da arte de dança-luta-jogo (Capoeira) contribuem fortemente para a construção dos sentidos e significados compartilhados pelos seus praticantes.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda M. Junqueira. Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (Org.) *A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

¹⁰ Em grande parte das vezes a prática da Capoeira Angola não implica em uma escolha profissional. São poucos, muito poucos os que ganham sua vida apenas exercendo a profissão de professor de Capoeira Angola no Brasil. Na capital mineira isso não é diferente.

BRANDÃO, André Augusto. **Misérias da periferia: desigualdades raciais e pobreza na metrópole do Rio de Janeiro**. Niterói: PENESB, 2004.

CARRETEIRO, Maria Teresa; UDE, Walter. Juventude e virilidade: a construção social de um etos guerreiro. **Pulsional - Revista de Psicanálise**, São Paulo, v. 191, p. 63-73, 2007.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, 2003.

DEMO, Pedro. **Pesquisa Participante: Saber, Pensar e Intervir Juntos**. Brasília: Saber Livros Editora, 2008.

FERREIRA, Ricardo Franklin; MATTOS, Ricardo Mendes. Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. **Revista Psicologia & Sociedade**, n. 16, 2004.

FURTADO, Odair. O psiquismo e a subjetividade social. In: BOCK, Ana Mercês Bahia, GONÇALVES, Maria da Graça Marchina, FURTADO, Odair (Org.) **A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1998.

_____. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2001.

GOMES, Christianne Luce. Lazer e descanso. Seminário Lazer em debate, 9, 2008, São Paulo. **Anais**. São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <http://www.uspleste.usp.br/eventos/lazerdebate/anais-christianne.pdf.pdf> . Acesso em 07 ago. 2008.

GUARESCHI, Neusa M. F. *et al.* Intervenção na Condição de Vulnerabilidade Social: Um Estudo Sobre a Produção de Sentidos com Adolescentes do Programa do Trabalho Educativo. **Revista de Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro: UERJ. v. 7, n. 01, 2007.

KRISCHKE, Paulo. Aprendizado em bairros populares: notas de pesquisa e teoria. **Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas**. v. 9, n. 95, 2008. Disponível em: <https://www.periodicos.ufsc.br> Acesso em: 12 mar. 2010

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: vozes, 2006.

MANCEBO, Deise. Contemporaneidade e efeitos de subjetivação. In: BOCK, Ana Mercês Bahia. (Org.) **Psicologia e compromisso social**. São Paulo: Cortês, 2003.

MARTINS, Sérgio. Urbanização e Violência. Reflexões a partir do livro e do filme Cidade de Deus. In: DEBORTOLI; MARTINS; MARTINS. (Org.) **Infâncias na Metrópole**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MELO, Victor Andrade de. **Lazer e Minorias Sociais**. São Paulo: IBRASA, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Fala Galera: Juventude, violência e Cidadania**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MORENO, Andrea. O Rio de Janeiro e o corpo do homem fluminense: o “não-lugar” da ginástica sueca. **Revista Brasileira de ciências do esporte**. v. 25, n. 1, 2003.

MORIN, Edgar. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, D. F. (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NOVAES, Marcos Bidart Carneiro de; GIL, Antonio Carlos. A pesquisa-ação participante como estratégia metodológica para o estudo do empreendedorismo social em administração de empresas. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie** (Online) v.10, n.1, São Paulo Jan./Feb. 2009.

PINHEIRO, Petrilson Alan. Bakhtin e as identidades sociais: uma possível construção de conceitos. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, 2008.

REY, Fernando Luis González. **O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 2009

SOARES, Carmen L. **Imagens da Educação no Corpo**. Campinas: Autores associados, 2005.

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth. Bakhtin (Org.). **conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

TEVES, Nilda. Imaginário social, identidades e memória. In: FERREIRA, Lucia M. A. & ORRICO, Evelyn G. D. **Linguagem, identidade e memória social** (Org.). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Corporalidade e festa na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor & SOUZA, Bruna Mantese de. **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Ed Terceiro Nome, 2007.

UDE, Walter. Enfrentamento da violência sexual infanto-juvenil e construção de redes sociais: Produção de indicadores e possibilidades de intervenção. In: CUNHA *et. al.* **Enfrentamento da violência sexual infanto-juvenil: Expansão do PAIR em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WACQUANT, Loïc. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ZALUAR, Alba. Gangues, Galeras e Quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: Vianna, Hermano. **Galeras Cariocas**: territórios de conflito e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____. Democratização inacabada: fracasso da segurança pública. **Estudos Avançados**, v. 21, n. 61, 2007.

ZEMELMAN, Hugo. Sujeito e sentido: considerações sobre a vinculação do sujeito ao conhecimento que constrói. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as ciências revisitado. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

Endereço do Autor:

Roberto Camargos Malcher Kanitz
Rua Maria de Sousa Alves, 295 - Apto. 304 - Bairro Manacas
Belo Horizonte - MG - 30.840-610
Endereço Eletrônico: roberto.kanitz@gmail.com